

Arquidiocese de São Paulo
Região Episcopal Ipiranga

**CURSO DE
FORMAÇÃO A DISTÂNCIA**
Bíblia: Caminho de Encontro com Deus

Unidade 6 — LIVRO DE ESTER

Caderno de estudos preparado pela
Equipe do Curso de Formação à Distância
da Região Episcopal Ipiranga
Pode-se usar no todo ou em partes, desde que citada a fonte
São Paulo 2012

APRESENTAÇÃO

Prezados e prezadas cursistas!

Continuando os nossos estudos vamos concentrar agora a nossa atenção no Livro de Ester, uma mulher altruísta que lutou em favor do seu povo.

Nas cinco primeiras unidades foram abordados os Livros do Pentateuco ou Torah: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Num estudo comparativo foi mostrado que a importância da Torah ou Pentateuco para os fiéis judeus se assemelha à importância que o Novo Testamento tem para a Fé Cristã.

Alguns séculos antes da nossa era cristã, o povo judeu mantinha-se fiel aos ensinamentos transmitidos pela Torah ou Pentateuco, mesmo dominados pelos babilônios e, posteriormente, pelos persas. É nesse contexto de um povo exilado de Jerusalém, que surge o Livro de Ester. O Livro de Ester é uma narrativa histórica de estilo Sapiencial.

Os escritos “sapienciais” tinham como finalidade orientar e ensinar os judeus que viviam fora de Jerusalém sob o domínio de outros povos, em terras estrangeiras, para que permanecessem fiéis ao seu único Deus e a seguir suas Leis, seus Preceitos e seus Costumes.

O rei persa Assuero depõe a rainha Vasti, porque ela recusa apresentar-se para ser admirada no seu banquete. Ester — filha adotiva do Israelita Mardoqueu, que era seu primo — torna-se rainha sem revelar sua origem. O funcionário persa Amã convence Assuero a editar um decreto contra os judeus, mas Mardoqueu convence Ester a intervir pelo seu povo, mesmo correndo perigo de vida. Ester se apresenta ao rei que lhe dá ouvido. Num banquete que reúne Assuero, Ester e Amã, este é desmascarado e em seguida enforcado na forca que preparara para Mardoqueu.

O rei recompensa Ester e Mardoqueu e permite que enviem uma carta para todo o reino, dando aos judeus direito de desforra caso sejam atacados. São organizados dias de desforra na capital e no interior, que dão origem à festa de *Purim* (Sortes).

Um certo fanatismo religioso que apresentado neste livro é bem anterior à visão de Cristo. Se devemos louvar a fidelidade

ao Deus de Israel não há necessidade de concordar com a vingança, com a desforra.

O Livro de Ester nos mostra a providência de Deus, especialmente no que diz respeito ao povo Escolhido – Israel. Nele fica registrada a instituição da festa dos Purim e sua observação permanente pelo povo judeu, que comemora a grande libertação da nação judaica causada por Deus, através de Ester.

Ainda hoje o Livro de Ester é lido durante a festa dos Purim no mês de fevereiro.

I – INTRODUÇÃO

1. Contexto Histórico

Estamos diante de um livro que nos apresenta uma história em estilo sapiencial. Para muitos biblistas, não se trata de uma história real, mas de uma espécie de "novela" escrita para aquela época. Sua função é explicar a origem da "Festa dos Purim". A palavra **Purim** significa "sortes". Esta palavra lembra que Amã mandou sortear o dia em que o povo de Israel deveria ser exterminado (Est 9, 20-32). As características principais desta festa eram a alegria, a animação e a descontração, por isso, muitos acreditam que tal festa é uma reprodução de uma festa pagã (Est 9, 24-26). Esta festa já era celebrada na Palestina por volta da primeira metade do séc. I aC (2Mc 15,36).

2. Autoria

Não sabemos quem é o autor deste livro, mas notamos que ele vivia na Pérsia, pois conhecia bem o ambiente e a topografia daquela imensa região, que se estendia desde a Índia até a Etiópia, englobando cento e vinte e sete províncias, tendo Susa por Capital.

3. Versões

Ao lermos a Bíblia, notamos que o Livro de Ester se apresenta em duas versões: Hebraica, a mais antiga com um texto mais curto e Grega, a mais recente e com um texto mais longo.

A versão Hebraica foi escrita no séc. IV aC, por volta do ano 350 aC, pouco antes de o Império Persa ter sido conquistado por Alexandre Magno, em 333 aC.

O texto em Grego é bem posterior ao Hebraico e foi escrito no séc. II aC, entre 114 e 112 aC, tempo em que João Hircano governava a Judeia. O Judaísmo segue o texto Hebraico e com ele todas as confissões Protestantes seguem o cânon Judaico.

A Igreja Católica seguiu na esteira da Bíblia Vulgata, que aceita o texto Grego também.

4. Tempo e lugar

Para compreendermos melhor o Livro de Ester, vamos comentar brevemente sobre a Babilônia e o Império Persa.



Os babilônios tomaram Nínive, capital da Assíria, em 612 aC e em 605 aC derrotaram os egípcios em Carquemis. Em 586 aC Nabucodonosor destruiu Jerusalém e deportou a maior parte do povo judeu, terminando, assim, o Reino de Judá.

Na primeira metade do século VI aC a Babilônia parecia ser toda poderosa, mas os profetas falavam de um Deus, em cujas mãos os Reis não passavam de simples marionetes e que podia usar até as potências pagãs para realizar os seus planos.

Ciro, o Persa, durante os vinte e cinco anos do seu reinado, assumiu o domínio de todo o império persa. Este talentoso imperador também conquistou o reino da Lídia, a Fenícia, a Síria, a Palestina, as regiões gregas da Ásia Menor e, em 539 aC conquistou a Babilônia.

Tendo em vista as grandes proporções assumidas pelo território persa, os domínios foram divididos em satrapias, subdivisões do território a serem governadas por pessoas influentes que eram verdadeiros “olhos e ouvidos” do Rei e eram denominados Sátrapas.

Ciro não proibia as crenças nativas dos povos conquistados. Concedia alguma autonomia para as classes altas, que governavam as regiões dominadas pelos persas, mas exigia, em troca, homens para seu exército, alimentos e metais preciosos. Ciro morreu em 529 aC.

Um dos sucessores de Ciro foi o Rei Assuero, famoso, com o nome de Xerxes I, que reinou no Império por volta de 486 a 465 aC.

O projeto do Rei Assuero era de dar liberdade e vida, mas apenas para a elite do poder. O resto do povo, principalmente os judeus, tinha que trabalhar para assegurar o luxo e o capricho dos dominantes. O povo Judeu, mesmo oprimido, perseverava em seguir as Leis de Deus, focado na conquista da liberdade e da Justiça.

5. Biografia de Ester

Para entendermos bem a vida de Ester, devemos nos lembrar que Ester era judia, ou seja, descendente do reino de Judá, que nasceu, muito provavelmente, em terra estrangeira, durante o domínio persa. Nabucodonosor, rei da Babilônia, invadira Jerusalém por volta de 597 aC, destruindo o templo e levando cativos os habitantes do reino de Judá — o reino do sul, formado basicamente pelas tribos de Judá, Benjamim e Levi (2 Rs 12,21; 2 Cr 11,14,16) — período que ficou denominado como cativo da Babilônia e que durou setenta anos, contados desde a primeira remessa de judeus para o estrangeiro (2 Cr 36,17-21; Jr 39,1-9), conforme havia sido profetizado por Jeremias (Jr 25,9-12).

Antes que terminasse o período de setenta anos determinado por Deus, conforme profecia de Jeremias, para que se cumprisse, também, a profecia proferida por Daniel (que pertencera à primeira leva de pessoas que haviam sido mandadas para Babilônia), o Império Babilônio foi derrotado pela Pérsia (atual Irã), que, então, passou a ser a nova potência mundial, passando os judeus, então, em vez de servir a Babilônia, servir a Pérsia. Isto ocorreu por volta de 539 aC. O rei da Pérsia, na ocasião, era Ciro, que, inclusive, permitiu que os judeus que quisessem retornassem para a Palestina (2 Cr 36,22,23). A propósito, a ação de Ciro também havia sido profetizada anteriormente por Isaías (Is 44,23; 45,1), bem antes até do cativoiro.

Muitos judeus, entretanto, apesar da permissão do rei Ciro de retornar a Palestina preferiram continuar vivendo nas terras estrangeiras, diante da vida estruturada que levavam, fazendo, então, surgir os “judeus da diáspora”, ou seja, os judeus que andam dispersos pelo mundo, fora da Palestina, fora da Terra Prometida. Mesmo hoje, depois de mais de meio século

de restauração do Estado de Israel, ainda há mais judeus vivendo fora da Palestina do que na Palestina. Estima-se que, dos 14 milhões de judeus que há no mundo, 8 milhões morem fora de Israel na atualidade.

Este era o caso de Mardoqueu, que vivia na fortaleza de Susã, cidade persa que ficava às margens do rio Ulai e que foi escolhida como capital do reino da Pérsia por Dario I, em 529 aC. Tornando-se a capital, Susã, naturalmente, despertou o interesse de várias pessoas que para lá se mudaram, principalmente aqueles que, de alguma forma, estavam envolvidos na administração do reino, que, aliás, tinham de mudar-se para lá, como parece ter sido o caso dos ancestrais de Mardoqueu, até porque muitos judeus, desde os tempos de Nabucodonosor, haviam integrado a estrutura administrativa do governo.

Mardoqueu apareceu no cenário bíblico no livro de Ester, que, logo no seu início, nos diz que a narrativa histórica sua se encontra no tempo do rei persa Assuero (Est 1,1), rei que é identificado pelos estudiosos da Bíblia como sendo o rei Xerxes I, que foi rei da Pérsia entre 485 aC e 465 aC.

Assuero (ou Xerxes I) era filho de Dario I, rei entre 521 aC e 486 aC. Isto significa que Mardoqueu vivia sob o reinado do quinto rei persa depois da queda de Babilônia, algo em torno de 54 anos depois da queda de Babilônia.

A Bíblia relata-nos que Mardoqueu era da tribo de Benjamim. Ele era de uma linhagem de judeus que, desde cedo, serviram ao governo, primeiramente babilônico, depois, persa. Ele era primo de Hadassa, tendo-se tornado seu pai de criação, quando ela ficou órfã (Est 2,7).

II. DE HADASSA A ESTER

1. Infância e criação de Hadassa

Foi nesse contexto de um povo exilado na Babilônia, que surgiu Hadassa, menina judia pela sua descendência, nascida em terras estrangeiras, num período em que os persas dominavam aquela região. Hadassa, que em Hebraico significa “murta”, que é um arbusto com folhas ricas em óleo perfumado e com lindas flores brancas, que eram usadas em cerimônias religiosas. Seus pais eram Abiail e Lia — judeus que residiam na Pérsia.

Hadassa gostava de ver sua mãe fiar tecidos para confeccionar roupas para a família, enquanto que seu pai estudava a Torah e contava histórias e acontecimentos de Jerusalém.

Hadassa não experimentou a escravidão como tantas outras jovens de seu povo, quando estavam no cativeiro.

Hadassa vivia feliz com sua família até que houve uma invasão dos amalecitas, inimigos do povo judeu, que destruíam e saqueavam o comércio e as casas. Essas invasões ocorriam em várias cidades persas. Nessa invasão, Hadassa e seus pais fugiram, abandonando sua casa, mas na fuga seus pais foram atingidos. Seu pai Abiail faleceu e sua mãe Lia, gravemente ferida e prevendo o seu fim, pediu a Hadassa que não deixasse de amar o seu Deus e nunca abandonasse o seu povo, sendo fiel a ele.

Com a morte de seus pais, Hadassa foi acolhida por seu primo Mardoqueu, que a tratava como sua própria filha.

Mardoqueu era da linhagem de judeus, da tribo de Benjamim — que fora levado cativo para a Babilônia, no tempo de Nabucodonosor. Sua função, no governo persa, estava relacionada à segurança pessoal do rei.

Hadassa se dedicava à catequese, reunindo as crianças para contar histórias e fatos da Torah, como faziam seus pais. Hadassa era uma jovem bela, sensível e sempre disposta a ajudar aos mais necessitados.

2. Banquetes do Rei Assuero

Naquele tempo reinava na Pérsia o rei Assuero, cujo império se estendia desde a Índia até a Etiópia (atual Irã), englobando 127 províncias com uma grande extensão territorial

Para comemorar o seu terceiro ano de reinado, ofereceu um banquete, uma reunião festiva para toda a elite de Susã. Foram convidados os chefes do exército da Pérsia e Medo, que através das guerras expandiam o império e mantinham a ordem de Susã. Convidou os nobres que se beneficiavam dos favores do rei para manter seus status e sua influência diante do povo, os Governadores das províncias, ou os Sátrapas, que administravam todo o império. Com essa elite tornava-se possível o controle e o domínio da vasta extensão do império.

Esse banquete durou 180 dias, pois o rei Assuero queria mostrar a todos o seu poder econômico e ao mesmo tempo a glória do seu reino. Nesses banquetes eram decididos todos os eventos, desde os de prosperidade até os fatais da fortaleza de Susã. Esses encontros eram também um meio de manter coesa a elite, pois dela dependia o sucesso do rei.

Passado algum tempo o rei deu um outro banquete a todo o povo que se achava em Susã, abrangendo todas as classes sociais, por sete dias no jardim do palácio real. Era um banquete requintado, enfeitado por cortinas de linho estendidas por cordões de púrpura apoiados nas colunas de mármore. Os convidados bebiam vinho da melhor qualidade em copos de ouro, em vários tamanhos e espécies. A bebida era oferecida a todos os convidados, à vontade, porém ninguém era forçado a beber contra a sua vontade.

Diante de um banquete tão luxuoso, Assuero parecia um homem bom e generoso, mas, com isso, o rei tinha o domínio de todos e evitava uma possível rebelião contra ele. É claro que todo esse luxo e capricho eram mantidos graças ao trabalho de todos os convidados que ali estavam.

Ontem, como hoje, pouco mudou. Os banquetes ou jantares de negócios com a elite são iguais. Realizam-se eventos prósperos ou fatais, conquistando o povo pobre com uma cesta básica, uma camiseta ou com promessas que jamais serão cumpridas. O povo trabalha pra enriquecer os cofres públicos. O resultado é sempre assim: a elite cada vez mais rica às custas do trabalho do pobre, que vai ficando cada vez mais pobre!

3. Vasti infringe a Lei do Império

Enquanto o banquete do rei acontecia no palácio, a rainha Vasti, esposa de Assuero, ofereceu também um banquete para as mulheres, segundo o costume oriental daquela época. No sétimo dia da festa, estando Assuero mais alegre por conta do vinho que bebera, ordenou aos sete eunucos de sua confiança que trouxessem à sua presença a rainha Vasti, com a coroa de diamantes, para que todos apreciassem a sua beleza. Porém, a rainha Vasti se recusou a obedecer às ordens do rei transmitidas pelos eunucos, por não achar correta essa atitude, pois não era objeto de admiração.

Embora Vasti fosse rainha, a sua negação ao rei era como se fosse uma rebelião no palácio, com muitas testemunhas, para a vergonha do rei e de todos os homens que lá estavam.

Vasti havia infringido a Lei! Havia se rebelado contra a autoridade estabelecida pela civilização Persa!

Assuero não se conformou com a atitude de Vasti. Sempre que estava em dificuldade, costumava consultar especialistas que entendiam das leis e eram nobres da Pérsia e da Média, os mais importantes do reino. Perguntando a eles o que deveria fazer com Vasti, Menucã – um dos oficiais da Pérsia que viam pessoalmente o rei e se assentavam nos primeiros lugares do reino, respondeu a todos os nobres presentes que a rainha Vasti não ofendeu somente o rei, mas a todos os povos das províncias, pois, todas as mulheres do império que tomassem conhecimento do seu comportamento, adotariam essa mesma postura, provocando desrespeito e discórdia sem fim. Assim, Menucã sugeriu que Assuero transmitisse um decreto real para que Vasti nunca mais comparecesse na sua presença e desse lugar a outra rainha que fosse mais submissa que ela.

Assuero aceitou o conselho de Menucã e enviou cartas a todo o reino, a cada província e cada povo, escrito de seu próprio punho.

A atitude de Vasti ao recusar a ordem de Assuero, foi o primeiro passo para a emancipação da mulher em relação aos papéis subordinados que o mundo patriarcal lhe reservou. Porém esse primeiro passo acabou sendo refreado pela própria ordem patriarcal.

O decreto que depõe a rainha Vasti tem alcance político e doméstico geral, como triunfo dos maridos da Pérsia e da Média. Mulher que respeita o marido é considerada como sensata (veja a afirmação em Eclo 26,26)

4. Jovens são levadas ao harém do palácio real

Depois desses acontecimentos e acalmada a raiva, o rei lembrou-se de Vasti. Como no harém não havia outra mulher que a substituísse, os cortesãos do rei sugeriram que se procurasse, em todas as províncias do reino, jovens belas e virgens para o rei. Aconselharam: "A jovem que agradar ao rei, reinará no lugar de Vasti". Assuero concordou e editou um decreto para esse fim.

Após o decreto proclamado pelo rei, juntaram-se no harém muitas jovens na cidade de Susã, sob os cuidados do eunuco Egeu, guarda das jovens.

Em meio à multidão de jovens belíssimas encontra-se Hadassa, jovem judia, órfã, criada por seu primo Mardoqueu, que lhe pediu que não revelasse a ninguém o seu verdadeiro nome, sua cultura e religião. A partir daí Hadassa se apresenta com o nome de Ester, que em hebraico significa "Estrela".

Os judeus assumiam nomes estrangeiros para esconder a sua origem. Apesar de tudo, continuavam fiéis à própria identidade, ainda que escondida de todos.

5. Hadassa se torna a Rainha Ester

A única riqueza de Ester é a sua beleza. Deus age por meio dela para preparar a grande libertação de seu povo. Assim Ester, para sobreviver, deveria manter em segredo a sua identidade. No entanto, ela guardava a sua fidelidade a Deus e ao seu povo.

Para as jovens se apresentarem ao rei Assuero, elas deveriam ser preparadas. Para isso tinham um prazo, fixado pelo estatuto das mulheres, de um ano de tratamento. Durante 6 meses as jovens usavam azeite de mirra perfumado, nos outros 6 meses usavam diversos bálsamos, cremes femininos acompanhados de massagens. Tudo isso incluindo etiqueta, comportamento à mesa e preparo físico. Era um verdadeiro preparativo para um concurso de beleza.

No harém a moça ficava reduzida a seu corpo, pois deveria ter a melhor forma para agradar os caprichos do rei.

O fato do homem ter muitas mulheres indicava seu status social. Como se pode observar, o culto à beleza, à forma física da mulher, tem suas origens na antiguidade!

A jovem que era escolhida para se encontrar com o rei no palácio real, deixava o primeiro harém na parte da tarde e podia levar consigo tudo quanto pedisse para realçar sua beleza, de acordo com o seu gosto pessoal. Na manhã seguinte a jovem era levada para um segundo harém e não tinha permissão para retornar ao rei, a não ser que ele a chamasse pelo nome.

Ester vivia num ambiente de competição, pois cada uma das moças que lá estavam pretendia ser a rainha. Mardoqueu, fiel servo do rei passeava diariamente diante do átrio do harém para ver como ia Ester e como a tratavam. Sua função na corte lhe permitia seguir de perto a vida de Ester.

No sétimo ano do reinado de Assuero, no mês de Tebet (entre dezembro e janeiro) décimo ano Persa, Ester deveria se apresentar ao rei.

Ester não pediu nada mais além daquilo que lhe quis dar Egeu, o eunuco encarregado das mulheres. Ester foi conduzida aos aposentos do rei Assuero. O rei admirou a beleza e a simplicidade de Ester, que não encontrou em nenhuma outra, por isso a amou mais do que a todas as outras mulheres.

Assim Assuero coroou Ester nomeando-a como rainha no lugar de Vasti, num banquete magnífico que foi oferecido para todos os príncipes e seus servos em homenagem a Ester. Diferente dos outros banquetes, o rei ofereceu ao povo de Susa, um dia de descanso, distribuindo presentes aos convidados, por motivo de alegria trazido por Ester. Era uma forma de mostrar que o imposto sobre os presentes distribuídos aos convidados não seria cobrado. O povo festejava a alegria do rei e o triunfo de Ester.

Quando Ester passou para o segundo harém, como todas as outras mulheres, ela não mencionou em nenhum momento a sua identidade, conforme havia prometido ao seu pai de criação, Mardoqueu. Ester cumpria os mandamentos e era temente a Deus. Sua conduta em nada mudou ao se tornar rainha.

III – As maquinações de Amã

1. Amã é promovido a 1º Ministro do Rei

Algum tempo depois, o rei Assuero promoveu Amã, filho de Amadates, descendente de Agag, ou seja, um descendente de Agageu, rei dos amalequitas, que era um povo tradicionalmente inimigo do povo judeu. Concedeu-lhe um posto, mais elevado do que todos os príncipes do reino. Assim, todos os servos que se encontrassem com Amã deveriam reverenciá-lo. Mardoqueu, porém, não se curvava diante dele, por reconhecer nele sua arrogância e falsidade.

Obviamente, Amã tinha todo o poder e autoridade para eliminar Mardoqueu, mas, o seu furor ultrapassava as fronteiras individuais e alcançava todo o povo judeu. Matá-lo apenas não iria satisfazê-lo. Então planejou aniquilar todos os judeus existentes no reino. Sendo fiel ministro do rei e querendo agir de acordo com a Lei, apresentou seu caso ao rei dizendo que, dentre os povos da província de seu reino, havia um grupo que não cumpria suas ordens, suas leis e, portanto, não merecia conviver no meio deles.

2. Decreto de extermínio dos judeus

Amã convenceu Assuero a editar um decreto para eliminar todo esse grupo do seu império. Sem escrúpulos morais, o argumento de Amã, sem revelar que se tratava do povo judeu, realçava que se tratava de um grupo muito perigoso de perversos e que não convinha que o rei o tolerasse.

No décimo segundo ano do reinado de Assuero, no primeiro dia do mês de abril, mês de Nisã, fez-se o sorteio ou "pur", isto é "sorte", para ver em que dia e mês seria o extermínio dos judeus. A sorte caiu no décimo segundo mês, ou seja de março, mês de Adar.

Amã promete com o decreto do rei entregar à administração cerca de trezentas e quarenta toneladas de prata ao tesouro real, quantidade correspondente a dez mil talentos de prata. Desta vez o rei não consulta seus conselheiros e entrega seu anel (selo real) como voto de confiança para a ação de Amã, dizendo-lhe: "*Conserva teu dinheiro. Quanto a este povo, é teu: faze dele o que quiseres!*" (Est 3, 11).

O texto da carta foi publicado em toda a província, ordenando o extermínio de todos os judeus e saqueando seus bens no dia treze de março, ou seja, no mês de Adar. Enquanto o rei e Amã esbanjavam em festas e bebidas, na cidade de Susa reinava a tristeza e a consternação. O curto prazo de onze meses não permitiria aos judeus se prepararem e muito menos fugirem, pois o império permitiria identificá-lo rapidamente e rápida seria a sua execução. Não tinham como escapar.

3. Ester se arrisca para defender o seu povo

Quando Mardoqueu soube do que acontecia, rasgou suas vestes, vestiu-se com panos de saco e saiu pela cidade dando gritos de dor de luto. Foi até à porta do palácio, que ninguém poderia passar vestindo sacos de pano. A serva de Ester, Atac, foi ao encontro de Mardoqueu para se informar do que estava acontecendo. Mardoqueu entregou uma cópia do “edito” do extermínio dos judeus para que Ester ficasse informada sobre a tragédia iminente.

Ao saber de tudo, Ester responde a Mardoqueu:

“Servos do rei e habitantes das províncias, todos sabem que para qualquer homem ou mulher que penetre sem a convocação até o vestibulo interior da casa real, não há senão uma sentença: deve morrer, a menos que o rei lhe estenda seu cetro de ouro para que viva”.

Havia trinta dias que Ester não se aproximava do rei, mesmo assim ela decidiu interceder pelo seu povo, agindo como rainha, pedindo a todos que fizessem três dias de jejum, como ela também o faria, de modo que o seu agir fosse o correto ao comparecer à sala real. Ela iria se encontrar com o rei apesar da Lei, mesmo que tivesse que morrer.

Mardoqueu levou o pedido de Ester para todo o povo de Susa. Enquanto Ester se preparava para o encontro com Assue-ro, Mardoqueu orou ao Senhor (Est 4,17b–17h).

Ester procurou refúgio no Senhor, no perigo de morte que caía sobre ela. Pediu ao Senhor Deus de Israel (Est 4,17j–17y) que o rei não entregasse seu cetro a deuses que não existem e que colocasse em sua boca palavras certas quando estivesse na presença do rei.

Para interceder pelo seu povo, Ester teria que denunciar o inimigo. Por isso, com vestes de luto jejuou e orou por três dias.

Quando Ester terminou de jejuar e de rezar, tirou as vestes de luto, revestiu-se com todo o seu esplendor e beleza e foi ao encontro do rei Assuero, acompanhada por duas servas que a amparavam com a cauda de seu vestido.

4. Ester oferece um banquete a Assuero e Amã

Ultrapassando o pátio interno do palácio, Ester se acha diante do rei assentado em seu trono real. Ao vê-la de pé no pátio lançou sobre ela um olhar de ira. Ester empalideceu e desmaiou. Neste momento Deus agiu em seu favor, mudando o coração de Assuero, que a trata com docilidade e delicadeza. Assuero tranquilizando Ester lhe diz: *"Que há, Ester? Eu sou teu irmão! Ânimo, não morrerás! Nossa ordem só vale para os súditos. Aproxima-te"* (Est 5,1). Erguendo o cetro de ouro pousou-o no pescoço de Ester, beijou-a e lhe disse *"Fala comigo!"* (Est 5,2). Diz-me o que desejas e ainda que seja a metade de meu reino te darei. Ester respondeu: *"Se bem te parecer, venha o rei hoje, com Amã, ao banquete que lhe preparei"* (Est 5,4).

Amã foi avisado imediatamente para comparecer ao banquete que Ester preparou

Ambos foram ao banquete de Ester. Assuero curioso para saber qual era o pedido de Ester, repete sua oferta de atender o seu desejo. Ester responde: Se achei favor perante o rei, e se lhe agrada ouvir meu pedido, venha amanhã novamente com Amã ao banquete que farei e revelarei o meu desejo.

5. Conflito entre Mardoqueu e Amã

Amã sai alegre do banquete de Ester e conta à sua esposa, filhos e amigos, como o rei o tinha engrandecido e a grande honra que lhe fora dada. Porém Amã não se conformava em ver Mardoqueu, assentado na porta do rei, sem reverenciá-lo como merecia.

Então sua esposa Zeres e seus amigos lhe disseram para mandar preparar uma forca de cinqüenta côvados de altura e, pela manhã, comunicasse ao rei que nela seria enforcado Mardoqueu.

A sugestão de Zeres e seus amigos foi bem aceita por Amã, que mandou levantar a forca com 25 metros de altura. A execução de Mardoqueu foi então agendada para o dia seguinte, antes que Amã comparecesse ao banquete para o qual Ester o havia convidado.

À noite, o rei Assuero não conseguiu dormir, preocupado em saber se Mardoqueu que salvara a sua vida tempos atrás tinha sido recompensado. Então Assuero começou a investigação sobre a situação de Mardoqueu, bem cedinho, quando Amã chegou ao palácio para pedir ao rei permissão para enforcar Mardoqueu. Antes de dizer uma palavra, o rei lhe perguntou como teria que recompensar um homem a quem o rei quer honrar. Amã, pensando que o rei queria honrá-lo ainda mais, sugeriu que desfilasse com vestes reais, cavalo real e um alto oficial como escudeiro, proclamando à sua frente nas ruas da cidade: "É assim que deve ser tratado o homem que o rei quer honrar" (Est 6, 11).

Assuero então pediu a Amã que fizesse a Mardoqueu imediatamente tudo o que acabava de dizer, sem omitir nenhum detalhe!

A ordem do rei foi a pior coisa que poderia ter acontecido a Amã. Agora ele deveria vestir Mardoqueu e desfilar pela cidade falando para todos ouvirem que Mardoqueu era o homem que o rei se alegrava em honrar. Quem queria enforcar Mardoqueu teve que elevá-lo em honras pela capital do império.

Amã, indignado, voltou para sua casa, envergonhado e humilhado e contou para sua esposa e amigos o que tinha acontecido. Então os sábios, com os quais Amã se aconselhava, disseram: *"Tu começa a cair diante de Mardoqueu: se ele é da raça dos judeus, tu não prevalecerás contra ele. Antes, certamente cairás mais baixo diante dele"* (Est 6,13).

6. Desgraça de Amã no Banquete de Ester

Estavam ainda falando quando os eunucos do rei levaram Amã para o banquete que a rainha havia preparado. Assuero, já sob o efeito do vinho pergunta a Ester: "Que queres que te faça? Mesmo se pedires a metade do meu reino, tu a alcançarás".

Então Ester diz: "Se encontrei graça a teus olhos, ó rei, concede-me a minha vida e a vida de meu povo, eis o meu desejo, pois fomos entregues para sermos aniquilados. Se ao menos fossemos vendidos como escravos e escravas, eu me calaria, pois não mereceria preocupar o rei" (Est 7, 3-4).

Assuero, então, quis saber de Ester, quem era esse cujo coração instigou fazer assim? Respondeu Ester: "O nosso adversário e inimigo é este Amã".

Amã que antes tinha sido um homem ousado e corajoso revelou-se um covarde. Rogou à rainha pois viu o mal que cometera, porém não era mais digno de misericórdia. Um homem condenado não poderia mais olhar para o rosto do rei. Jogaram um véu em seu rosto, significando a sua condenação. Amã foi enforcado na mesma forca que ele havia construído para enforcar Mardoqueu.

Após a morte de Amã, Assuero entregou à rainha Ester os bens de Amã. Ester revelou sua verdadeira identidade ao rei e disse que Mardoqueu era seu pai de criação.

Assuero chamou Mardoqueu à sua presença e, então, lhe entregou o anel que havia retornado de Amã. Ester, por sua vez, confiou-lhe também a administração dos bens que haviam sido de Amã (Est 8, 1-2).

Assim, aparentemente, tudo estava resolvido: Amã foi derrotado; Mardoqueu foi elevado ao mais elevado cargo do reino, abaixo de Assuero; Ester estava salva!

Mas como ficou o povo judeu, cujo genocídio havia sido decretado por Amã, com a aprovação do rei Assuero?

IV – Um Decreto Irrevogável

1. Benevolência de Assuero

Ester, então, voltou a falar com o rei, chorando e suplicando, desta vez em favor de seu povo, com o objetivo de anular o decreto contra os judeus. O decreto, porém, tinha força de lei e era irrevogável (Est 1,19; 8,8). Como conseguiriam invalidar um decreto irrevogável? Mardoqueu ocupava agora o mesmo lugar que Amã ocupara, como Primeiro Ministro do reino, como administrador.

Quando Assuero estende o cetro de ouro para Ester, ela fica de pé diante do rei e diz: *“Como poderei ver a desgraça que se abateu sobre o meu povo, como poderei ver a destruição de minha família?”* Mais uma vez Ester expõe a sua identidade. Em resposta, Assuero diz a Ester e a Mardoqueu, que escrevam o que desejarem, em nome do rei e que selem com o anel real.

2. Defesa dos judeus

Assim, com este novo decreto, o decreto anterior não é cancelado, mas fica neutralizado pelo presente!

O decreto escrito por Mardoqueu é dirigido aos judeus, às autoridades, sátrapas, governadores e chefes em todo o império.

A data para a vigência do decreto era o dia treze do mês de Adar. O decreto foi distribuído na fortaleza de Susa e enviado a toda província para que se tornasse público que os judeus estavam preparados para se defender naquele dia.

Portanto no dia treze do duodécimo mês, o mês de Adar, quando chegou a palavra do rei e sua ordem para executar o inimigo, aconteceu o contrário, pois, em vez de serem destruídos pelos inimigos, os judeus juntaram-se e venceram.

Com a morte de Amã e de seus dez filhos, o autor quer mostrar que o mal foi totalmente derrotado. O povo que luta por liberdade e vida para todos não está interessado em acumular riqueza. Ao contrário, quer uma sociedade nova de igualdade, partilha, respeito e liberdade.

Todos os príncipes das províncias, os Sátrapas, os governadores e os capitães do rei elevaram os judeus, porque Mardoqueu era grande na casa do rei, e sua fama crescia por todas as províncias. Todos os judeus que se achavam nas províncias se dispuseram para defender a vida e tiveram paz dos seus inimigos pois mataram a golpes de espada 75.000 dos que os detestavam. Isto aconteceu no dia 13 do mês de Adar (ou Janeiro); no dia 14 descansaram e comemoraram com banquetes, alegria e paz.

Os judeus que se achavam em Susa reuniram-se nos dias 13 e 14 do mesmo mês e descansaram no dia 15, fazendo banquetes e festas, com muita alegria e mandando porções de alimentos uns para os outros e também para os mais necessitados.

3. Instituição da Festa dos Purim

Os judeus aceitaram como costume o que naquele tempo haviam feito pela primeira vez, segundo Mardoqueu prescrevera quando Amã tinha tentado destruir os judeus lançando "Pur" (sorteio) para os destruir. Assim, determinaram que não se deixaria de comemorar esses dois dias todos os anos e lembrados de geração em geração por todas as famílias. A sociedade se renova e nesse dia há troca de presentes. Não há mais comércio que explora nem política que oprime.

O texto Grego acrescenta que nas grandes cidades o dia de festa é o dia 15 de Adar, enquanto que no texto Hebraico (Est 9, 19) noticia que para os camponeses o dia de festa é o dia 14 de Adar.

Os judeus comemoravam a festa popular, a partir do documento que Mardoqueu pôs por escrito, enviando cartas a todos os judeus das províncias do rei Assuero, próximas e distantes, ordenando celebrar anualmente nos dias catorze e quinze do mês de Adar – dias em que os judeus ficaram livres dos inimigos. Mês em que a tristeza se transformou em alegria e festa.

Ainda hoje os judeus celebram a festa dos Purim recitando nas Sinagogas o Livro de Ester, com banquetes e presentes.

Ester e Mardoqueu escreveram exigindo o cumprimento da festa dos Purim. Desta forma, Ester fixou as normas para celebrar os dias de "purim", que ficou registrado por escrito.

Mardoqueu se tornou o vice rei de Assuero, o primeiro entre os judeus, amado, solícito pelo bem de sua raça, promotor da paz para os seus.

"O rei Assuero impôs tributo sobre o continente e as ilhas do mar. Todos os seus atos de poder e de valor, bem como o relato da grandeza de Mardoqueu, a quem havia exaltado, tudo isso está consignado no livro das Crônicas¹ dos reis dos medos e dos persas" (Est 10, 1-2).

4. O sonho de Mardoqueu

"No segundo ano do reinado do grande rei Assuero, no primeiro dia de Nisã, veio um sonho a Mardoqueu, filho de Jair, filho de Semei, filho de Cis, da tribo de Benjamim, judeu que vivia em Susã e personagem ilustre como funcionário da corte. Ele pertencia ao número dos deportados que o rei de Babilônia, Nabucodonosor, trouxera cativos de Jerusalém junto com Jeconias, rei de Judá. Ora, eis qual foi o sonho. Gritos e ruídos, ribomba o trovão, treme o chão, tumulto sobre toda a terra. Dois enormes dragões avançam, ambos prontos para o combate. Lançam um rugido; ao ouvi-lo, todas as nações se preparam para a guerra contra o povo dos justos. Dia de trevas e de escuridão! Tribulação, aflição, angústia e espanto caem sobre a terra. Transtornado de terror diante dos males que o esperam, todo o povo justo se prepara para morrer e invoca a Deus. Ora, de seu grito, como de uma pequena fonte, brota um grande rio, de águas caudalosas. A luz se levanta com o sol. Os humildes são exaltados e devoram os poderosos. Quando Mardoqueu acordou, diante desse sonho e do pensamento nos desígnios de Deus, nele concentrou toda a sua atenção e, até à noite, esforçou-se de múltiplas maneiras em decifrá-lo."²

¹ Este livro é um dos 27 livros perdidos citados pela Bíblia. Provavelmente destruído no grande incêndio da Biblioteca de Alexandria.

² Texto transcrito da Bíblia de Jerusalém, preliminares do Livro de Ester, nº 1.

Diante dos acontecimentos relatados, fica fácil compreender a interpretação feita por Mardoqueu ao seu próprio sonho:

"Pois o judeu Mardoqueu era o primeiro depois do rei Assuero. Era um homem considerado pelos judeus e amado pela multidão de seus irmãos, pois procurava o bem de seu povo e preocupava-se com a felicidade de sua raça. (a) E disse Mardoqueu: "Tudo isto vem de Deus! (b) Se recordo o sonho que tive a esse respeito, nada foi omitido: (c) nem a pequena fonte que se converteu em rio, nem a luz que brilha, nem o sol, nem a abundância das águas. Ester é esse rio, ela que se casou com o rei, que a fez rainha. (d) Os dois dragões, somos Amã e eu. (e) Os povos são aqueles que se coligaram para destruir os judeus. (f) Meu povo é Israel, aqueles que invocaram a Deus e foram salvos. Sim, o Senhor salvou o seu povo, o Senhor nos arrebatou de todos esses males, Deus realizou prodígios e maravilhas como jamais houve entre as nações. (g) Por isso estabeleceu dois destinos: um em favor de seu povo, outro para as nações. Esses destinos se realizaram na terra, no tempo e no dia determinados segundo seus desígnios e diante de todos os povos. (h) Deus se recordou do seu povo, fez justiça à sua herança (i) para que esses dias, o décimo quarto e o décimo quinto do mês de Adar, sejam doravante dias de assembléia, de regozijo e alegria diante de Deus, para todas as gerações e perpetuamente, em Israel, seu povo." No quarto ano de Ptolomeu e de Cleópatra, Dositeu, que se dizia sacerdote e levita, assim como seu filho Ptolomeu, trouxeram a presente carta concernente aos Purim. Eles a deram como autêntica e traduzida por Lisímaco, filho de Ptolomeu, da comunidade de Jerusalém." (Est 10, 3)

A festa dos Purim representa uma perene memória do Êxodo — saída da terra da escravidão e morte para a libertação e vida, conforme o projeto de Deus que, continuamente, marcha para a libertação e Vida de seu povo!

V – CONCLUSÃO

Em pleno Século XXI a mulher continua sendo marginalizada, explorada, violentada e submissa aos caprichos dos homens. Porém a mulher conseguiu galgar degraus que, levando em conta alguns parâmetros, se coloca em pé de igualdade com o homem.

Ester há milênios tentou ser exemplo para as mulheres de seu povo. Não fez nada para se tornar heroína, mas com sinceridade e no desejo de salvar seu povo, fez tudo o que pode, até mesmo enfrentando a morte caso o rei Assuero não lhe estendesse o cetro de ouro, para ela conseguir o seu “Sim”. Ela não se vendeu ao rei pela salvação de seu povo, mas deu o melhor de si para que o rei enxergasse o valor do povo judeu.

Maria fez história também tornando o seu “Sim” em um compromisso com o Reino de Deus e com o projeto de Salvação, da Boa Nova que Jesus anuncia.

Por esta razão, Maria se tornou a bem-aventurada de todas as mulheres. Ela não temeu as pressões do dragão. Deu à Luz o Menino Jesus sem se importar em ser engolida por vingança de um dragão. O que interessava a Maria é que o Menino estivesse seguro!

O que Ester nos transmite para hoje?

O que notamos logo de início é que o nome de Deus não é mencionado, mas a sua atuação se manifesta do início até o fim.

A humildade de Ester foi marcante, e se diferenciou das pessoas que estavam ao seu redor. Esse comportamento caberia a nós em todas as dificuldades, nas perseguições, diante das injustiças, mantendo uma postura positiva e com determinação para confiarmos plenamente no Deus da Vida, que age no momento certo.

Outro ponto positivo de Ester foi a obediência não só ao pai de criação, mas também a Assuero, que foi fundamental para alcançar a Salvação de seu povo!

Nos dias de hoje vivemos na desobediência a pais e mães, em que se prega abertamente a independência para crianças, jovens, adolescentes, culminando com o desprezo para com pais, professores e familiares.

Ester, mesmo quando jovem, sempre considerou seus superiores e buscou o bem estar do seu próximo. Através de seu exemplo, Ester alcançou uma posição de destaque na sociedade e diante de Deus, porque não viveu em função de si própria, mas em função do seu povo. O Amor divino é demonstrado em nós, na medida em que não buscamos apenas nossos interesses pessoais.

Ester chamou a atenção por sua beleza e seu comportamento agradável, sem ser arrogante nem inconveniente.

Como Ester, nosso comportamento tem que fazer a diferença, na sobriedade, na discrição e no discernimento.

Ester nos dá o exemplo no trajar elegante e sem exageros. A simplicidade e a discrição trazem o equilíbrio e a harmonia.

Outro exemplo de Ester, talvez o mais sublime, é a preparação espiritual para tomarmos uma decisão em tempos difíceis e de perseguições, pois é na oração que nos tornamos fortes.

Ester nos ensina ainda a ter cautela e prudência. Mesmo sendo oferecido a ela a metade do reino de Assuero, Ester soube esperar o momento certo para fazer o seu pedido, a sua súplica ao rei em favor do seu povo. Na prudência sempre habita o bom senso.

Mulher prudente é aquela que ouve e pratica a Palavra de Deus!

RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO 4

Aqui estão as repostas do QUESTIONÁRIO 4, referente ao estudo do Pentateuco e da Bíblia em geral. Foram apresentadas quatro questões, sendo três objetivas, com a indicação das respostas a seguir. A quarta questão é subjetiva, dependendo de cada estudante. Por isso não apresenta uma resposta aqui transcrita.

1. O Nome de Deus, no Antigo Testamento, é um tema importante por que? RESPOSTA CORRETA: Alternativa **a**: ***Porque ele indica a identidade de Deus, no meio de tantos outros deuses cultuados na época.***
2. Qual a importância de saber algumas coisas sobre as línguas usadas para escrever a Bíblia? RESPOSTA CORRETA: Alternativa **e**: ***As línguas bíblicas expressam o pensamento dos escritores inspirados. Elas têm particularidades que outras línguas não têm.***
3. Podemos dizer que o Nome de Deus que algumas religiões usam, "Jeová", é: RESPOSTA CORRETA: Alternativa **b**: ***Um modo errado de identificar a Deus. Usou-se as consoantes de uma palavra com as vogais de outra e se fez uma acomodação de sons. Não se deve usar este nome.***
4. Explique por que conhecer o NOME DE DEUS é algo importante e qual o sentido disto para nós, Cristãos.
Esta resposta é subjetiva.

RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO 5

Estas são as respostas do questionário da Unidade 5, relativa ao Pentateuco e à Introdução da Bíblia. Foram propostas sete questões, sendo uma subjetiva. Assim, aqui estão as respostas da seis primeiras questões.

1. A respeito da Torah ou Pentateuco podemos dizer: RESPOSTA CORRETA: Alternativa **d: *É uma grande obra que conta a história do Povo da Aliança e apresenta as leis e normas que dão vida e identidade a este povo. A divisão em cinco Livros focaliza cinco pontos importantes da história deste Povo com seu Deus.***
2. O Livro do Êxodo narra a saída do Povo de Israel do Egito. Esta afirmação está correta? RESPOSTA CORRETA: Alternativa **a: *Sim, embora o Livro do Êxodo também apresente normas relativas ao culto e à vida no deserto. Especialmente o Êxodo dá muito valor ao modo de ser do Povo de Israel, pois é assim que eles poderão ser conhecidos como Povo da Aliança.***
3. A ideia de santidade é algo muito importante em todo o Antigo Testamento. A respeito da "Santidade" presente no Livro do Levítico, podemos afirmar: RESPOSTA CORRETA: Alternativa **c: *Santidade é separação. O Deus da Aliança é separado dos outros deuses, não se identifica com eles. O Povo do Deus da Aliança deve também ser separado dos outros modos de vida pois eles afastam da verdade de Deus.***
4. O Livro dos Números dá importância à experiência do deserto. Qual é o sentido do deserto? RESPOSTA CORRETA: Alternativa **a: *Deserto é a falta de qualquer apoio, desculpa e fuga. No deserto a pessoa "é o que é" e não pode fingir. No deserto Israel deve escolher a Deus e deixar os ídolos.***

5. O que, sobretudo, o Livro do Deuteronômio valoriza? RESPOSTA CORRETA: Alternativa **a**: **A palavra escrita. O mandamento do "Shemá, Israel", "Ouve, Israel", é um mandamento para que se dê toda a atenção à vontade de Deus.**
6. O Livro do Deuteronômio: RESPOSTA CORRETA: Alternativa **e**: **É apresentado como um longo discurso de Moisés no qual ele afirma a pertença daquele Povo ao Deus da Aliança.**
7. Qual é o sentido do Pentateuco ou Torah para o Cristianismo, tendo em vista a experiência de Israel? Aqui a resposta é subjetiva.

ANOTAÇÕES
